



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

TUDO AO MESMO TEMPO AGORA: A PEDAGOGIA DO ROCK.¹

Carlos Eduardo Ferraço
Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFES

Maria da Conceição Silva Soares
Mestranda do PPGE/UFES e Professora da FAESA/ES

RESUMO: A partir de uma reflexão teórico-prática sobre imaginário, atitudes e comportamento dos amantes do rock'n'roll, analisamos a forma de sociabilidade e identificação que o rock propõe ao constituir-se como um atrator para pessoas inconformados e resistentes à perspectiva de uma cultura unidimensional.

Compreendido como manifestação cultural e política, produto e ao mesmo tempo produtor de subjetividades contemporâneas, o rock seria o invólucro a envolver um sentimento de mundo contrário à ordem reinante e que expressa o horror e a esperança das gerações pós-guerras. Um paradoxo, na medida que seria uma expressão da revolução tecnológica servindo para contestar exatamente a sociedade que a criou. No mundo globalizado, o rock reinventa a rebeldia e a liberdade, transitando como uma rede multicultural e contra-hegemônica.

Palavras-chaves: indústria cultural, reinvenção, rebeldia

Para além da Escola de Frankfurt, o bom e velho rock and roll, há muito considerado produto da indústria cultural, pulsa sutil como uma borboleta e continua a impulsionar a rebeldia numa tribo multifacetada. Com ritmos irreverentes e letras que confrontam convenções sufocantes, constitui-se num vibrante atrator para inconformados de todas as idades, gêneros, classes, credos, raças e nacionalidades, que têm em comum uma atitude contra a monotonia da resignação à ordem como única possibilidade aceitável para a felicidade. A pedagogia do rock faz pulsar a rebeldia e impulsiona fluxos de energia no caos contemporâneo.

Do tribal ao global, mas de forma diferente do que anteviu McLuhan, a corrente do rock transita como uma rede virtual despatriada e contra-hegemônica, agregando subjetividades e intersubjetividades que atravessam tempo e espaço para se encontrarem e desencontrarem na

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

resistência à perspectiva de uma cultura unidimensional. Como no caos nada é totalmente previsível, a cada encontro pode acontecer um choque ou uma sinergia, ou as duas coisas simultaneamente, dependendo de quem reage ou interage.

Essa tribo é antropofágica, se consome e se reconstrói num movimento constante, mas também é canibal e abocanha tudo o que cai na rede para se alimentar e agregar influências múltiplas. Para essa gente, a diferença, além bem vinda, é traduzida, revisitada e sampleada. O mergulho no caos é a possibilidade de emergência e criação.

“A melhor forma de enxergar no escuro
é com as mãos
as idéias estão no chão
você tropeça e acha a solução”²

Por assim perceber e interpretar, vimos há mais de dez anos vivenciando o movimento rock and roll e pesquisando, a partir da experimentação e da reflexão sobre a programação e a produção de músicas e eventos de rock com alunos de Comunicação Social, na Rádio Universitária da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, que dirigimos por aproximadamente nove anos, e com a utilização das músicas e análise da letras nas salas de aula dos cursos de Jornalismo e de RTV da FAESA (faculdade privada também no Espírito Santo), o conhecimento, as práticas e o imaginário que o fenômeno rock produz, e que ao mesmo tempo é produzido, pelos jovens contemporâneos, apontando para a possibilidade de impulsionar a emergência de subjetividades, atitudes e comportamentos inovadores, críticos e resistentes à reprodução em suas vidas cotidianas dos mecanismos de controle do poder capitalista industrial e cultural.

Vale ressaltar que nesta reflexão estamos entendendo cultura conforme a conceituou Canclini, como um processo dotado de mobilidade e ação, em constante transformação, e que estamos considerando subjetividade como a define Castoriadis, ou seja, como “a capacidade de receber o sentido, de fazer algo com ele e de produzir sentido, dar sentido, fazer com que cada vez seja um sentido novo”. Da mesma forma, recorremos a Castoriadis para explicitar que nossa reflexividade é uma interrogação sobre o saber que sabemos, que transforma atividade em objeto não objetivo, “do qual sabemos que ele é objeto por oposição e não por natureza”.



Rock e rebeldia

Um mergulho na História possibilita a garimpagem de acontecimentos onde o rock associa-se à rebeldia, que ainda é uma de suas marcas contemporâneas. Como fenômeno social, enquanto gênero musical e manifestação político-cultural, o rock emergiu em um momento historicamente situado, a década de 50, nos Estados Unidos, fundindo outros ritmos à música de protesto dos negros norte-americanos. Cinquenta anos depois, a rebeldia potencial atribuída a esse gênero musical entrelaça passado e presente ao se manter viva no imaginário dos amantes do rock.

Produto e produtora de várias subjetividades e intersubjetividades, a atitude rock and roll é a todo momento transformada e provoca a transformação de conhecimentos, sentimentos e comportamentos, evidenciados nas linguagens, nos arranjos musicais, nas manifestações, nos rituais, nas indumentárias, nos costumes e nas inscrições “literalmente” corporais, como as tatuagens dos roqueiros e atenção especial dada aos cabelos, grandes, coloridos ou raspados, expressando virilidade ou negação. Ora é cultura, ora é contracultura, ora é multicultural. Às vezes é cultura da violência, às vezes da paz.

Visto como “coisa social”, o rock tem sido um objeto muito estudado por cientistas modernos. Teve sua origem, evolução e função construídos, avaliados e criticados por historiadores, filósofos, sociólogos, antropólogos, psicólogos e até por comunicólogos. Para melhor entendimento de suas especializações e ramificações, chegou a ser representado no mais puro estilo esquemão no estudo do professor de Comunicação e pesquisador dos fenômenos do mercado fonográfico Tupã Gomes Correia.

Tupã, além de classificar os subgêneros do rock, explica a associação do gênero musical à rebeldia por meio da identificação de suas audiências com as causas das grandes manifestações sociais ocorridas na segunda metade do século XX, como o movimento hippie e o punk, e a solidariedade a outras formas de protesto. No entanto, como teórico adepto ao conceito-fetiche da “indústria cultural” (parafrazeando Umberto Eco), esse estudioso está certo de que o caráter contestador do rock foi absorvido pela sociedade capitalista, na medida em que a música e o estilo de vida que ele propõe foram transformados em mercadorias de consumo pela indústria cultural.

“Capitalismo oculta um cofre de fa, fe, fi, finalismo

Hare Krisna e dando dica enquanto aquele

Papagaio curupaca implica. E te explica



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Com o carimbo positivo da ciência que aprova e classifica

O que é que a ciência tem?

Tem lápis de calcular

Que é mais que a ciência tem?

Borracha pra depois apagar

Você já foi ao espelho, nego?

Não? Então vá.”³

Sem desconsiderar que o consumo é uma das principais características da cultura contemporânea, Canclini chama atenção para que, além do valor de uso e de troca analisados por Marx, os produtos culturais possuem também valores signícos e simbólicos. De acordo com esse pressuposto, é possível refletir sobre o valor de significação que o rock pode proporcionar para aqueles que participam de (recontextualizando, reinventando e/ou ressignificando) suas manifestações.

Em termos musicais, “apesar de ter rompido com a melodia tradicional que busca a harmonia do belo como finalidade da arte ao expandir a dissonância e a aspereza em suas manifestações”, o rock pode realmente não ter ido muito longe por conta da sua vinculação ao sistema de compra e venda de discos, como bem explica o jornalista Artur da Távola, num trabalho onde pesquisa os mitos da Comunicação. É preciso, no entanto, destacar que o jornalista no seu estudo não considerou os selos independentes e alternativos que fogem do controle da grande indústria e encontram espaço de divulgação na Internet, liberando-se da mídia tradicional. Mesmo assim, ele explicou que para entender o fenômeno é necessário perceber que, mais do que música, “o rock é um símbolo que reúne uma infinidade de signos conflitantes, concomitantes e latentes”. Entre esses signos, Távola enuncia os puramente musicais, os comportamentais, os políticos, os mercadológicos, os poéticos, os existenciais, os contestários, os irônicos-debochados, os demoníacos, os liberadores de energia, os irreverentes e os destruturadores, entre outros.

Távola, que no seu trabalho tem a intenção de mostrar que o rock é uma forma de comunicação que se apropria de arquétipos da mitologia, trilha por um caminho que nos ajuda a perceber como se dá esse movimento, que ele considera a manifestação mais direta das tendências estéticas contemporâneas, constituindo-se muito mais em espetáculo musical que em música. Tratam-se dos espetáculos ritualísticos, “que tomaram dos revolucionários do início do século



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

passado não só a ousadia musical de arrebentar com a escala tonal, mas, principalmente, os propósitos expressionistas das artes plásticas”. Espetáculos que são possíveis atualmente graças à “parafernália eletrônica disponibilizada pela ciência e pela tecnologia da sociedade industrial” e que no sincretismo e no ritual de cada show recuperam movimentos mais antigos como o fauvismo, ao valer-se de canhões de luzes com cores fortes e de sons e ritmos obsessivos para liberar instintos primitivos; o happening, ao propor a mobilização da plenitude dos sentidos e o mergulho na participação e entrega; e o dadaísmo, ao negar pela ridicularização a superioridade da grande arte, os conceitos acadêmicos de beleza e até a mercantilização da sua fabricação;

“Ele sempre me falou

Da Terra Prometida

Eu nunca tive nada, nada, nada

Da Terra Prometida

A miséria continua cada dia pior

A violência corroeu minha consciência

E o que é pior meu instinto é de sobrevivência”⁴

O rock seria então, para o jornalista, o invólucro (na metáfora de uma bolha sonoro-visual-rítmico-eletrônico-musical-poética) a envolver um comportamento, uma atitude e um sentimento de mundo contrários à ordem reinante e que expressam o horror e a esperança da geração atômica. Um paradoxo, na medida que o rock seria a expressão da revolução tecnológica servindo para contestar exatamente a sociedade que a criou.

“Desde pequenos nós comemos lixo

Comercial e industrial

Mas agora chegou a nossa vez

Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês

Somos os filhos da revolução

Somos burgueses sem religião

Nós somos o futuro da nação

Geração Coca-cola”⁵



“A tua piscina está cheia de ratos
Suas idéias não correspondem aos fatos
O tempo não pára
Dias sim, dias não eu vou vivendo sem um arranhão
Da caridade de quem me detesta”⁶

“A cidade enlouquece sonhos tortos
Na verdade nada é o que parece ser
As pessoas enlouquecem calmamente
Viciosamente sem prazer”⁷

Em contraposição aos estudos filosóficos e científicos, e sem se preocupar com as teorizações a respeito da cultura de massa ou das massas, os operadores, produtores e emissores do rock, bem como os autores dos textos que circulam na mídia sobre essa manifestação, comemoram a época áurea do movimento no Brasil, que consagra as bandas dos anos 90 e redescobre os grupos dos anos 80. Na matéria “Só rock sem preconceito”, publicada da revista Domingo do Jornal do Brasil em outubro de 2000, o jornalista Cleo Guimarães destaca a satisfação das gravadoras que investiram no filão e colhem os frutos, avaliados em cifras e na quantidade de discos vendidos. A matéria mostra também o surgimento, em vários locais do país, de emissoras de rádio especializadas em rock, seguindo uma tendência de segmentação de públicos que permite ao veículo sobreviver à televisão e à Internet, buscando novos caminhos e linguagens, a partir da criação de identificações com as audiências.

Interessante, porém, é pilhar nessa reportagem o discurso (existencialista?) de integrantes de algumas bandas, que podem nos transportar ao imaginário desses roqueiros sobre eles mesmos e sobre esse mistério, adorado por eles, que é o rock.

“O rock continuará nos surpreendendo. Ele tem a capacidade de engolir uma coisa e cuspir outra. Sempre reinventando.” (Toni Platão)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“O rock é justamente a falta de caminhos. É a atitude de quem tem que abrir os caminhos à força.” (Nando Reis - Titãs)

“Não existe mais a postura idiota de rockstar que sai destruindo hotéis. Precisamos ter nossos próprios conceitos musicais para não sermos mais um clone de alguma coisa.” (Fernanda Takai – Pato Fu)

“Mas, para onde vai o rock? De vez em quando ele some, vai morar em algum submundo artístico. Já morreu de overdose, desastre de avião, carro, aids e tédio. Se suicidou ou foi assassinado por uma fã ou alguém que virou adulto. E quando todos menos esperam, ele volta à superfície, tocando guitarra ou programado num computador ou até acompanhado de uma caixa de fósforo e cantando sem microfone. (...) O fato é que enquanto existirem adolescentes (de ainda virgens a de cabelos brancos com netos), enquanto eles sentirem necessidade de rir e de chorar, vai existir rock. E para onde ele vai, só aquele garoto(a) de 13 anos, trancado(a) no quarto, aprendendo a tocar um instrumento sabe.” (Alvin L.)

A partir do imaginário do mundo do rock e baseando-nos na interpretação que o professor de Comunicação *Ciro Marcondes Filho* faz do estudo da sociabilidade contemporânea de *Maffesoli*, entendo o movimento como uma das formas de socialização que se manifestam na pós-modernidade, onde valores tribais se socializam e se difratam para o conjunto do corpo social. Neste contexto, os valores tribais supõem um processo de desindividualização e de pertencimento por identificação e fusão de consciências, por meio de interações simbólicas, ao mesmo tempo em que diferenciam cada tribo das demais.

Nem apocalítica nem integrada, quanto às constatações e certezas da ciência e às possibilidades da técnica e da tecnologia, a nação roqueira agradece os esclarecimentos e contribuições úteis ao seu auto-conhecimento, e ao mesmo tempo recusa ou reage com indiferença às considerações. Desconstruindo-se nos momentos de fraude, pressão e incerteza para auto-organizar-se de repente, a qualquer hora ou lugar, sem aparente explicação, como um fluído escapa



de forma escorregadia, expansiva, explosiva ou periférica de qualquer enquadramento e formal ordenação.

“A soma dos catetos é o quadrado da Hipotenusa
Nem tudo que se tem se usa
Racio símio, Racio símio, Racio símio”⁸

Como um enorme cérebro com uma inteligência coletiva e um imaginário efervescente e resistente ao mundo e à si mesma, a massa rock redescobre uma forma de vida a cada dia e permeia todas as suas células com um sentido e uma alternativa para inventar a liberdade, promovendo uma estranha harmonia e fazendo com que em algum lugar do corpo todo bata mais forte, plugado e ritmado um coração.

O que a pedagogia do rock permite *aprenderensinar* é a possibilidade da reinvenção cotidiana da rebeldia e da indignação em relação ao poder que interrompe a vontade de querer fazer e de querer ser, mobilizando conhecimentos/sentimentos/ações que escapam à modelagem, à opressão, à exploração, ao conformismo, à docilização dos corpos e à subjetivação maquínica, e produzem situações de burla, jogos e artimanhas de *uso-contra* o imposto, a partir das próprias estruturas que o poder detém e controla visando a sua manutenção. Tratam-se, como define Certeau, de “táticas desviacionistas que não obedecem à lei do lugar”.

Esses conhecimentos/sentimentos/ações produzidos e produtores de uma inter-subjetividade relacionada ao rock, são constituintes de um processo de identificação, da construção de uma identidade social, política e cultural. A identificação construída pelos roqueiros se produz conforme às identidades do sujeito pós-moderno, analisadas por Stuart Hall. São identidades resultantes ao mesmo tempo da globalização hegemônica e do reforço de identificações locais e particularistas à ela resistentes, que se conformam abertas, fragmentadas, híbridas, contraditórias e inacabadas. Identidades que conectam nossas vidas cotidianas com um destino imaginário fundado pelo discurso e povoado por histórias, mitos e heróis, mas que também orientam nossas ações num sentido político e posicional.

A tensão entre o global e local, e suas implicações políticas e culturais, é preocupação presente no universo do rock, como mostra o questionamento proposto no texto pinçado da contra-



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

capa do CD “Reciclo”, gravado pela banda capixaba Pé do Lixo em 1999, pelo selo independente Lona Records, cuja autoria não foi explicitada.

“Na virada do milênio ainda há fome, guerra, racismo, desrespeito aos direitos humanos e destruição do meio ambiente, enquanto a solidariedade, utilizada apenas pelos conscientes, é artigo de luxo. Mas a reação é silenciosa e vem da força das comunidades, do caos organizado e do não institucionalizado. É hora de reciclar as idéias e os donos da situação viciados em poder, reconstruir, reaprender e revolucionar o mundo em um reciclo.”

Partindo da identificação do rock com uma atitude de rebeldia e luta contra o conformismo e a resignação é que temos desenvolvido ao longo do tempo atividades de pesquisa e ação, tanto nas emissoras de rádio das faculdades em que atuamos como nas salas de aula, promovendo, a partir da análise do discurso e da experimentação de várias formas de uso das músicas e da realização de eventos, a reflexão e a intervenção na realidade social, econômica, cultural e política vivida e compartilhada.

Para terminar, deixo para reflexão textos produzidos por três alunos do 6º período do curso de RTV da FAESA, no primeiro dia de aula da disciplina Comunicação e Educação (fevereiro de 2002). Os textos foram produzidos logo após a exibição do vídeo The Wall, da banda Pink Floyd, com o objetivo de levantar questionamentos para o debate sobre as relações entre mídia e escola.

“A clássica canção ‘Another brick in the wall part II’ (‘aquela do hey teacher!’) põe em discussão um dos alicerces da nossa sociedade: a educação. O filme define a educação como uma alienação (representada nele pelas máscaras com botões no rosto das crianças), fazendo com que as pessoas, ainda crianças, percam sua identidade própria e pensem o que o governo quer que elas pensem. O sarcasmo e a violência com que os professores tratam os alunos na sala de aula são atribuídos aos problemas que eles (professores) enfrentam em casa com suas esposas ‘gordas e psicopatas’.

No filme, o menino sonha em ver todos os alunos destruindo a sala, queimando a escola e jogando o professor no fogo, enquanto toca o solo de guitarra. Destruir



a escola é uma atitude própria de quem não foi alienado pela educação, e por isso é contra ela.

A canção que dá título à cena da escola, ‘Another brick in the wall part II’, acabou se tornando um símbolo da revolta. Não da revolta pura e simples, sem motivo; mas da revolta consciente, de pessoas que não se acomodam com o que vêem de errado e precisam se manifestar”. (Bruno Faustino)

“O alimento dos Tiranos é o fracasso dos sonhadores, pois assim não se sentirão ameaçados.

Por haver fraqueza as pessoas são dominadas.

E quando são dominadas, se sentem reduzidas ao Nada.

E é do Nada que surge o cólera abrindo caminho para o caos.

Com a palavra, GABRIEL O PENSADOR:

Muda, que quando a gente muda o mundo muda com a gente.

A gente muda o mundo na mudança da mente.

E quando a mente muda a gente anda pra frente.

E quando a gente manda ninguém manda na gente.”⁹ (Patrick Ludgero)

“Desde que nascemos somos reprimidos; primeiro pelo médico, depois por nossos pais, na escola, pela sociedade, por nossos amigos e finalmente por nós mesmos. Educação...aprendizado para a vida. E nela, em algum momento, a gente se vê na obrigação de fazer uma revolução contra a repressão que nos interrompe.

Meu sentimento diante das formas abusivas de educação é o medo. Isso mesmo, sinto medo. Porque é preciso apanhar para aprender? O medo que sinto se dá por causa dos tapas, das porradas, da dor e principalmente em função das marcas. E porque talvez a revolução possa chegar tarde demais.

Enquanto isso, somos ‘nada mais do que outro tijolo no muro’. No muro da venda nos olhos, da falta de coragem, da ausência de liberdade, da falta de amor. No muro da inexistência de sinceridade com nós mesmos e da falta de querer. Sartre disse uma vez que estaremos sempre condenados à liberdade. E



isso, as vezes, faz com que nós deixemos tudo nas mãos do tempo, que é um grande amigo da educação. Mas será que ele, o tempo, tem a obrigação e a competência de fazer tudo sozinho?

E quando a gente demora para perceber nossas limitações impostas pelos tapas, porradas, dor e marcas, percebemos também tudo aquilo que se perdeu por falta de vontade de aprender. E mais uma vez aparecem o médico, os pais, os professores, os amigos. Aonde estou? E cadê você? Foi embora antes de terminar a sessão? Ela já terminou faz tempo. E esse velho amigo tempo só pode nos ajudar quando aprendemos a querer viver e aprender antes que ele dê uma rasteira na gente.” (Jefferson Pinheiro)

Notas

² Trecho da música **A melhor forma**, de Sérgio Brito, Paulo Miklos e Branco Mello, gravada pela banda Titãs, no CD Acústico, Warner, 1997.

³ Trecho da música **Todo mundo explica**, de Raul Seixas, gravada pelo compositor e cantor no disco Mata Virgem, Wea, 1978.

⁴ Trecho da música **Terra Prometida**, de Travaglia, Rodrigo, Reginaldo, Braga, Nader e Manga, gravada pela banda Pé do Lixo, no CD que leva o nome da banda e foi editado pela Lona Records, selo de Vitória, Espírito Santo, em 1998.

⁵ Trecho da música **Geração Coca-cola**, de Renato Russo, gravada pela banda Legião Urbana, no disco Legião Urbana, EMI-Odeon, 1984.

⁶ Trecho da música **O tempo não pára**, de Cazuza e Arnaldo Brandão, gravada por Cazuza do disco O tempo não pára, Polygram, 1988.

⁷ Trecho da música **Essa noite não**, de Lobão, Bernardo Vilhena, Ivo Meirelles e Danielle Daumérie, gravado por Lobão, no disco Sob o sol do parador, RCA, 1989.

⁸ Trecho da música **Racio Símio**, de Marcelo Fromer, Nando Reis e Arnaldo Antunes, gravado pela banda Titãs, no disco O Blésq Blom, Wea.

⁹ Trecho da música **Até quando?**, do CD Seja você mesmo! (mas não seja sempre o mesmo).

Referências bibliográficas



BRIGGS, John e PEAT, F. David. A sabedoria do caos: sete lições que vão mudar sua vida. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CASTORIADIS, Cornelius. Para si e subjetividade. In: **PENA-VEJA, Alfredo & NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do (orgs).** O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ ; Vozes, 1996.

CORRÊA, Tupã Gomes. Rock, nos passos da moda: mídia, consumo X mercado. Campinas, SP : Papyrus, 1986.

ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 1971.

GUIMARÃES, Cleo. Só rock sem preconceito. Domingo. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, n. 1.277, p. 17-20, 2000.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro : DP&A, 2001.

LYRA, Renata Maldonado da Silva. A cultura sob a ótica de Canclini. Ciberlegenda, nº 7, 2002.

Disponível em <http://www.uff.br/mestcii/renata3.htm>. Acesso em 22 de março de 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro (coord.). Pensar-pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo: Edições NTC, 1996.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

_____. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000. p.15-37

TÁVOLA, Artur da. Comunicação é mito: televisão em leitura crítica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
